

A' IMPRENSA PAULISTA

Agradecendo profundamente á illustrada imprensa de S. Paulo, o benevolo acolhimento dispensado ao « ALBUM DAS MENINAS », pedimos venia para a transcripção das noticias abaixo, que são um novo e poderoso incentivo, para que com maior fervor nos entreguemos ao trabalho, afim de mostrarmos que soubemos apreciar e corresponder devidamente a essa prova de distincção.

Começou a publicar-se em S. Paulo uma nova revista litteraria, que se nos afigura de um grande alcance para a educação do sexo feminino, a quem a nova publicação é dedicada.

Denomina-se *O Album das meninas* e é dirigida pela distincta professora e escriptora d. Analia Emilia Franco.

Todo o texto da revista é de um largo intuito moral e educativo, assumptos que na sua natureza e forma se coadunam com o fim a que é destinada essa publicação.

Este numero abre com um bom estudo de d. Analia Franco sobre as mães e educadores, seguindo-se-lhe trabalhos de escriptoras e escriptores conhecidos, taes como Anelia Janny, E. Pitoresca, Ferdinand Diniz, Zalina Rolim, d. Antonio da Costa, Elisa Mattos e Nausen.

Com taes combatentes, tanta dedicação e tal intuito, *O Album das meninas* está destinado a desempenhar um papel de saliencia na educação feminina.

(D' A Nação).

« ALBUM DAS MENINAS ».—Uma publicação de grande utilidade encetou nesta capital a distincta escriptora d. Analia Emilia Franco.

E' uma revista litteraria e educativa dedicada ás jovens brasileiras, redigida com muito talento e collaborada por distinctos escriptores.

A nova publicação, com certeza, encontrará da parte das senhoritas a quem ella é dedicada o melhor acolhimento, pois é a unica que possuímos.

Agradecendo a remessa do exemplar do *Album das meninas* fazemos votos pela sua prosperidade.

(Do Diario Popular)

Recebemos:

O Album das Meninas, revista litteraria e educativa, propriedade da Sra Analia Emilia Franco.

Encetou sua publicação, a 30 do mez findo, nesta capital, e apparece mensalmente.

No artigo de apresentação, sua directora traça largamente o programma a seguir, que se resume em expender ás jovens brasileiras idéas seguras sobre educação, reproduzindo para isso tudo quanto os competentes têm escripto sobre o assumpto.

O Album traz 24 paginas de leitura sã e variada, que recomendamos ás senhoras fazendo ao mesmo tempo votos pela boa accitação de tão util revista, que excellentes serviços poderá prestar á sociedade.

(Do Commercio de S. Paulo).

villa d.

gostava ALBUM — E' este o titulo de uma nova revista litteraria e educativa, dedicada ás moças brasileiras e habilmente redigida pela Sra Analia Franco, sua proprietaria.

Agradecidos pela offerta do exemplar.

(Da Platta).

Anno I S. Paulo, 30 de Junho de 1898 N. 3

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO POR SEMESTRE	PREÇO DA ASSIGNATURA, \$300 POR SEMESTRE	NÚM. AVULSO Rs. 15000
---------------------------	--	--------------------------

EDUCAÇÃO PHYSICA

Prevenir o mal e promover o bem, eis as generosas e santas aspirações que constituem os mandamentos da pedagogia futura. Ainda que ninguém ignore a importancia dos principios de physiologia, auxiliar poderosa no sentido de concorrer para a perfeição de nossa existencia, todavia bem pouca attenção a isso se presta. Na rude peleja da vida moderna que exige um esforço cada vez maior, uma tenacidade animosa á miudo louca, por vezes subline em razão da terrivel concorrência a todos os negocios e profissões, o excesso de applicação mental tende a augmentar-se consideravelmente, submettendo a rudes provas até as constituições mais solidas.

« E' que a guerra perenne em que Hobbes fazia consistir o equilibrio moral, diz um escriptor, nunca foi tão afogueada, nem tão rudemente lavrou nas entranhas da sociedade. » A observação nos tem demonstrado que a nova geração já tão depauperada e anemica, sendo como é obrigada a uma tensão extraordinaria do espirito, pelos estudos muito extensos, com poucos exercicios vigorosos e alegres, caminha do atrophamento da força physica que corresponde physiologicamente ao da energia moral, a uma lamentavel e funesta decadencia.

N'este ponto suspendam-se por momentos as humil-des observações de minha penna bem pouco auctorizada, e ouçamos a illustre doutora Maria Rennotte; Lendo o indice das materias, diz ella, que hão de constituir o curso de uma escola ordinaria, a superabundancia dellas é tal, que espanta assusta a quem se represente o trabalho cerebral, a força mental que um organismo crescente tem de gastar para regulal-as e assenhoreal-as.

N'estes programmas notamos primeiro a falta de methodo no delinheamento dos pontos a percorrer; a auzenia de discernimento na escolha dos assumptos: enfim o que resalta na educação actualmente dada ás nossas filhas não é o valor intrinseco real do saber, mas o successo momentaneo a admiração passageira aos olhos do fucturo pretendente.

Como se diz vulgarmente ella doira a pilula, quiza se descobre mais tarde a amargura do ingrediente!

Não menospreso estes pequenos pormenores que constituem ordinariamente a bagagem dos conhecimentos femininos, porque tudo tem o seu valor, mas o que não posso entender é que os paes, consciuos que o facto da perda ou ganho moral e material de suas filhas, tanto como de seus filhos, depende do modo com que forem educados, dêem tão pouca reflexão, e valor ás materias que deverão constituir o capital sobre o qual amanhã esta mocidade terá de saccar!

Se algum sabio numismata lhes vier contar que a sciencia que elle cultiva, procurando os vestigios dos tempos passados, é de mais utilidade á humanidade, do que aquelle que os protege contra as influencias que minam a existencia, duvido que acceitassem a sua declaração; entretanto recebe-se qualquer sugestão quando se vêm a dicidir da sorte de um ser!

Qualquer que seja a idea que se faça do pensamento não se pode desconhecer que o instrumento intellectual está tambem sujeito ás enfermidades physicas e não pode dispensar um sangue rico, alimentado por um ar puro e regenerado por variados exercicios.

E' preciso pois aprender a fundar ao mesmo tempo, na creança o homem completo, corpo e espirito, e, para isto dar uma larga parte na educação, a vida material, convencendo-nos de que na realidade o homem não tem espirito senão quando o corpo o consente.

Observa-se, alem disto que esta partilha entre a instrução e o exercicio é necessaria até em beneficio do estudo, porque existe tão realmente o cansaço do cerebro como o dos musculos.

Dahi resulta a necessidade de uma educação completa integral e harmonica, unico meio talvez para salvar a nova geração dessa especie de cansaço quasi permanente do systema nervoso, que se traduz n'uma tristeza consumptiva e apathica, na difficuldade de acção, no atrophiamento da coragem e na diminuição das funcções organicas.

O antigo adagio *mens sana in corpore sano* parece hoje esquecido, porque pouca conta disso se faz ainda nas educações dos nossos dias. Com quanto a educação antiga fosse vasada dentro de limites muito estreitos, é de justiça porém attender que era talvez mais prudente e equilibrada de que a nossa, pelo menos todas as faculdades eram cultivadas parallelamente e applicavam-se mais do que hoje em dirigir a vontade e a sensibilidade, formando da creança o futuro cidadão energico e livre, superior ás vicissitudes da fortuna, sabendo tirar o maximo partido possivel de toda a energia moral, de toda a força muscular de que a natureza o dotou.

E se um tal systema de educação é funesto para o homem, torna-se ainda mais prejudicial para o desenvolvimento e conservação da energia constitucional da mulher. Privadas d'uma completa liberdade de acção, tolhidas na sua actividade physica, ora por mero erro de pedagogia, ou pela extulta e impiedosa vaidade de tornal-as admiradas e agradaveis á vista, prejudicam gravemente a constituição das meninas, condemnando-as á desventura por esse amor desordenado pelas apparencias. Sem essa actividade alegre que lhes fortifica os pulmões e garante-lhes um salutar

mulheres
sempre
arruinadas?

desenvolvimento, não só tornam-se incapazes de dirigirem ou acautellarem-se a si mesmas nas horas de perigo; como também apresentam uma apparencia de palidez doentia, junto a uma certa timidez que geralmente acompanha a fraqueza. E é por isso que vemos augmentar-se n'uma progressão assustadora as doenças pulmonares. Infelizmente porém não se considerão estes resultados perniciosos, nem o grande numero de victimas que se sacrificam ao formidavel Moloch da vaidade. «Hoje que a educação se propõe um fim mais elevado e mais completo, observa um escriptor que temos presente, cultivar as faculdades da creança, em vez de fornecer simplesmente uma provisão de conhecimentos e, com o auxilio dessas mesmas faculdades, avigorar o espirito; habilitar-o para dirigir a si mesmo, fazer n'ella a luz, o movimento, a vida, os methodos reclamam exercicios mais profundos mais interiores, mais variados e mais fecundos». Emquanto, porém, não vier uma reforma radical fornecer aos individuos os meios indispensaveis para preparar e melhorar a propria existencia no seio da natureza da familia e da sociedade, cumpre a todos os que se occupam das questões do ensino, trabalharem efficazmente afim de combatem os methodos de educação que atrophiando as forças physicas e trucidando a intelligencia das creanças, tantos desmandos perpetram contra o saber e contra o senso commum.

ANALIA FRANCO.

OS POBRES

Meninas, vamos tratar hoje dos pobres, d'esses infelizes votados toda a vida a desgraça e á miseria. Parece que ao progredir incessante da civilisação e á medida que os gozós materiaes se diffundem a todas as classes sociaes, augmenta-se consideravelmente o numero dos que ficaram sem quinhão no banquete da vida.

A prova é que cada asylo que se cria, cada instituição beneficente que se organisa, cada hospital que se abre, corresponde logo um numero tão avultado de candidatos á protecção, que se torna impossivel socorrer a todos...

Se é certo que existem varias causas que explicam o augmento de tantos necessitados, não podemos deixar de convir que parte da culpa recahe sobre o egoismo da nossa vaidade do nosso inveterado habito de despendermos muito com frivolidades encarecendo futilissimos nadas.

E assim cerceamos não só o quinhão que devemos aos pobres, como de dia para dia tornamos a nossa propria existencia cada vez mais cheia de difficuldades, sendo immenso o numero dos que succumbem na rude peleja, sem nunca conseguirem agenciar futuro.

Ha em alguns logares utilissimas associações, algumas das quaes fundadas em nome de S. Vicente de Paulo, esse homem prodigioso que pisando aos pés a estatua do egoismo, é proclamado o heróe de caridade nos modernos dias de aborrido individualismo. Essas instituições de beneficencia que são uma prova de caridade dos seus fundadores, tem estendido a sua mão paternal a grande numero de indigentes, mas como acontece sempre, ainda assim existem muitos mendigos verdadeiramente dignos da commiseração publica que vejetam na miseria no canto escuro das suas posilgas.

« Se a mendiguetz é desgraça, diz Bonald, a caridade é dever. E' a oração por excellencia, acerta sempre no alvo». Ha porém quem diga que a esmola estimula a preguiça do proletario, mas que proveitoso trabalho se pode esperar do aleijado: do mendigo que se arrasta sobre muletas da viuva carregada de creanças, do octogenario vergado ao peso dos annos, dos idiotas e dos orphãos de menor idade?... E' preciso pois minhas meninas, que não nos esqueçamos d'esses filhos da desgraça que se debatem nas angustias da fome, das doenças e da nudez.

E' a vós também, ó paes, que educaes vossos filhos nos preceitos da moral christã a quem me dirijo. Se desejais

que a intelligencia de vossos filhos se eleve e seja sempre vigorosa por uma solida educação moral, conduzi-os até á enxerga do pobre, para que o grito da miseria lhes desperte no coração a magoa das afflicções do proximo, habituando-os ao puro gozo de partilhar com os desgraçados. A caridade é a essencia do christianismo e por isso o maximo testemunho que podeis dar de amor para com Deus, cifra-se n'essa virtude; assim gravaí-a bem no coração dos vossos filhos, porque toda a moral evangelica está na caridade.

É como é sublime esse sentimento quando desce ao pobre, quando chora com elle, quando enfim se identifica com todas as suas magoas, consolando-o na aridez do seu espirito desolado pelo embate das misérias e das desgraças! Estes exemplos fallam de certo mais alto e educam melhor do que todos os livros dos grandes moralistas e philosophos. «Comparai diz um escriptor, todas as nações da terra e pelo signal de caridade conhecereis as christãs.

Comparai entre todas as nações christãs e reconhecereis pela perfeição da caridade que as distingue as que são catolicas. »

Se as nossas patricias que são dotadas de um criterio superior e possuem a vibrabilidade nervosa da sympathia o dom culminante de fazer o bem se colligassem cheias de piedade, consagrando todos os dias ao menos uma hora de trabalho em beneficio dos necessitados ellas, que possuem mãos primorosas para os mais delicados labores que torrentes de bens não prestariam?

Com essas prendas e muitos outros trabalhos que se perdem em nossas escolas, poderia se promover leilões kermesses em prol dos desvalidos e dos asylos de caridade. É sem duvida uma das mais bellas faculdades da organização humana o sentir e praticar o bem. Que o diga o jubilo da consciencia intima, porque tem a certeza que o beneficio espargido das suas mãos cairá sobre a tribulação do pobre como um orvalho que as mitiga.

O mendigo na isolação de sua mesquinha obscuridade sente os olhos diluirem-se-lhe em doces lagrimas na con-

vicção de que alguém que talvez nem conhece, lembrou-se de suavisar a sua incomportavel miseria. Acostumado aos travos do desdem, ou á indignidade do abandono a essa consolação inesperada que lhe infiltra n'alma a alegria, não deixará por certo de encher de benções a quem o soccorreu. Em conclusão diremos como Bossuet, o fim da religião, a alma das virtudes, o compendio da fé; o resumo da lei é a Caridade.

ANALIA FRANCO.

A FAMÍLIA

A familia moderna é a pulcherrima confederação de todas as almas na dulcissima unidade do mesmo affecto, é a sublimidade e a belleza beijando jovialmente a innocencia, é o presente embeçando e abraçando o futuro. Na categoria das idéas o sublime sobrepõe-se ao bello; o sublime arrebatá-nos, o bello encanta-nos. O sublime como que trascende a mentalidade ou é quasi inacessivel á tibieza da razão; poucos defrontam fito a fito: fulmina, cega, estonteia. O bello é menos intenso, está mais convisinho do radio das nossas faculdades, frisa, ajusta-se-nos melhor com a idéa, equilibra-nos, descança-nos deliciosamente a alma.

O sublime produz deslumbramentos o bello produz enlevos. O sol é sublime frecha-nos, a lua é bella prende-nos. O homem que personifica o espirito é sublime, a mulher que symbolisa o sentimento é bella. E estes dous seres que se completam mutuamente com suas qualidades differentes, ostentam reunidos o fundo immortal da natureza humana. O homem é toda força, pujança, energia, a mulher toda graça, suavidade, brandura. Esta representa o lado doce, melodioso e poetico da vida, aquelle as suas luctas e suas crises, as suas tempestades e suas tragedias. A alma do homem é como mar, immensa, profunda tormentosa, a alma da mulher é como lago, limpida, gra-

ciosa, contornada, sempre cheia de brilho, de cor, de luz. O homem é harmonia psychologica engendrada na frágua viva onde o pensamento se caldeia — na meditação, no estudo, no suor amargo mas fecundante do trabalho; a mulher é a harmonia plastica, bebida, com os alentos da mariposa, nos festivos da natureza — nos prados, nos vèrgeis nas brisas, nas flores. Perante o genio do homem que tira as suas inspirações do choque electrico das ideias e afere, com o cunho da sublimidade, as suas gigantescas creações, o espirito fica-nos agitado, oscillante, como ao ouvirmos o retroar do trovão ou o rugir da tempestade. Perante o coração da mulher, que vibra todas as cordas do sentimento e combina todas as tintas da belleza, o espirito se nos serena encontra seu equilibrio, ficamos embevecidos como ao escutar os echos d'uma serenata andalusa ou as notas d'uma canção de Belline. Pois bem: na familia o pae é a sublimidade, a mãe a belleza. O pae é a razão que manda, o pensamento que ensina, a sabedoria que dirige, a energia que trabalha, a providencia que calcula, a força que protege, a experiencia que precata, o centro que uniformisa, o nome que exhibe toda a familia. A mãe ali! impossivel desenhar-se, impossivel photographar-se a mãe!

ALVES MENDES.

Bastará por ventura a razão á obra da verdade? Não basta.

O homem não é só um ente que pensa, é tambem um ente que sente. A alma humana tem duas asas, sentimento e razão para subir á verdade. Até agora a philosophia tem querido fallar unicamente á intelligencia e por isso não tem produzido na humanidade senão uma seita; porque sentindó o homem mais do que pensa a philosophia ainda não o pode abranger completo.

PRILETAN.

ENSINO PROFISSIONAL

Quando lanço o olhar para o passado e o comparo com nossas auroas, bendigo a liberdade, que na instrucção do povo tanto tem produzido relativamente. Quando olho em torno de mim, a que distancia não vejo o que possuímos do que poderíamos possuir!

Para a harmonia do assumpto e para a victoria que deve sahir dos esforços communs (officiaes e particulares), convem que de frente d'elle se colloque por meio da iniciativa particular o impeto, o calor, o enthusiasmo, como tudo o que vem de espontaneidade e do coração.

Mantenha-se este fogo; e se bem que a iniciativa particular, como livre e phantasiosa, não se devam impôr preceitos, mas deixar o campo aberto á inclinação e preferencia de cada um, não obstante pedimos de um lado ás classes populares que se esforcem por fundar associações para a educação propria e para a dos filhos; e do outro lado ás classes abastadas que a sua acção se dirija sobretudo ao derramamento da educação, e ao grande e salvador principio do ensino profissional de ambos os sexos, e principalmente do da mulher.

Excellentes são os asylos, e as escolas primarias, mas não menos necessarios os institutos profissionaes, sem cujo desenvolvimento a mulher instruida fica ainda mais exposta aos perigos da desgraça vitalicia, aos inconvenientes da falta de carreira industrial ou commercial em que possa ganhar a vida honestamente, e com os trabalhos proprios do seu sexo auxiliar á familia e á patria. Bemditas sejam as mãos do rico e do operario, do homem e da mulher, a quem n'esta primeira epocha, n'este meio seculo se devem tantos asylos, escolas e doações de que o pensamento e o sacrificio dos cidadãos se podem gloriosamente ufanar.

Mas se muitos são gloriosos iniciadores e cooperadores, que mundo não está ainda fóra d'essa crusada. Venham pois tantos ricos, tantos remediados, tantas classes medias,

tantos operarios: venha sobretudo a mulher, a grande alma da humanidade, a que tem o coração formado de lagrimas e consolações, venham, venham fazer progredir esta obra de educação que resolve todos os problemas da grande incognita humana. Se quando não vêm defronte de si senão os theatros, os bailes, os concertos, os passeios, as viagens, o brillantismo social enfim, descortinassem o outro grande mundo silencioso que jaz immerso nas trevas, n'esses subterraneos em que as viúvas se acham rodeadas de creanças nuas, n'essas trapeiras em que as orphãs soffrem dias de fome para não estenderem a mão á caridade, ou se desalentam a chorar porque as noites do trabalho não lhes rendem senão magros reaes, nas enxovias d'esses carcereiros, nas enxergas d'esses paralyticos, nos antros d'essa vadiagem, n'esses antros em que a desgraça feminina tem o seu reinado devastador; se o vissem, quanto mais educação e quanto mais trabalho não enxugariam tantas lagrimas, e não alumiariam tantas trevas! Contra este improductivo mundo de dores e de ignorancia, surja o mundo que pode, e junte-se a cohorte d'estas auras liberaes, na luta do bem, que felizmente não se ha de extinguir nunca, embora contrariado e apupado, mas cada vez mais triumphante, porque está enraizado na consciencia, n'este invencivel poder do espirito humano, contra o qual se hão de sempre despedaçar a inveja e o indifferentismo.

D. ANTONIO COSTA.

O PRIVILEGIO DE SAN-REMO

Pela exuberancia de sua vegetação oriental a povoação de Bordighera é conhecida em toda a Italia pelo cognome que lhe dão de «terra das palmeiras». E ha todavia palmeiras em Nice, e ha palmeiras em varios outros pontos do litoral! Porque ha de então Bordighera merecer as honras

de celebridade n'este genero? Ah! mas o que ninguem poderá, senão vendo, fazer idea, por pouco approximada que seja da luxuriante abundancia com que se desenvolve alli, nem das collossaes proporções que adquire esta elegantissima familia de vegetaes! O viajante, que alli de subito a acordasse, transportado de outras regiões, cuidaria achar-se em pleno oriente, nos mais fertéis palmares de Azia-Menor. Ha mesmo quem affirme haver em Bordighera mais palmeiras de que na própria Judéa. A origem daquellas arvores corpulentissimas, com que Bordighera tanto se ufana, é hoje um mysterio absolutamente impenetravel. Para a maior parte da gente que se contenta em repetir o que ouve sem cuidar em discernir o plausivel do rejeitavel, passa por certo que foram os frades de S. Domingos quem alli plantaram aquellas palmeiras; — e quem tal repete não repara si quer em que muitissimas d'ellas, a desatarem-se na mais opulenta exuberancia de aureos fructos, mostram com toda a evidencia datar de uma época seculos e seculos anterior á fundação da ordem dominicana!

Fosse quem fosse o plantador d'aquellas formosas arvores, Bordighera usufrue o singularissimo privilegio de fornecer exclusivamente as palmas que o Summo Pontifice todos os annos abençoa em Roma na Basilica de S. Pedro. E á origem d'esta especial prerogativa anda ligado um facto que não deixa de ser curioso e pittoresco.

Corria o anno de 1586. Aos 10 de Setembro, determinara o papa Sixto V que se realisasse a collocação do grande obelisco de Heliopolis na Praça de S. Pedro. A direcção suprema deste collossal trabalho estava entregue ao famoso architecto Domingos Fontana. Ardua e difficil se antolhava a empreza. O Pontifice tinha dado ordem expressa para que durante a execução d'aquella arriscada tarefa, nenhum dos circumstantes, sob pena de morte, pronunciasse uma palavra si quer.

Sabem todos como Sixto V era capaz de cumprir o que promettia; quem por tanto naquella grave conjunctura ousasse quebrar o silencio tinha em perspectiva immediata

a pouco invejavel sorte de figurar pendurado n'uma forca. De repente, porém, no momento critico em que o ponderoso monolitho se achava quasi ao nivel da altura em que devia assentar, corrêra entre a apinhada multidão dos espectadores o ancioso receio de que ficassem afinal inutilizados tantos esforços. As cordas do machinismo tinham dado espantosamente de si, — e todos temiam ver cahir obliquamente o obelisco sobre a base que se lhe destinava, ou as cordas rebentarem, mallogrando-se d'est'arte o fructo de tantos trabalhos. N'isto ouviu-se uma voz gritar d'entre a turba

— Molhem as cordas! Forá um marinheiro que espontaneamente havia soltado aquelle brado providencial, sem lhe importar a penalidade em que incorria por haver transgredido as ordens do papa; Bresca de San-Remo se chamava o intrepido. O conselho foi de prompto aproveitado, e logo as cordas encurtaram retezando-se, e logo readquiriram a tenacidade precisa; prestes a operação chegou ao cabo nas mais completas condições de bom exito. E o Pontifice não so perdonou ao marinheiro a infracção de suas ordens, mas inclusive levou a sua magnificente generosidade a ponto de convidar a que pedisse elle para si e para seus herdeiros um privilegio qualquer, como remuneração do serviço que havia prestado. Bresca de San-Remo pediu então que lhe fosse concedido o exclusivo fornecimento das palmas para a cerimonia solemne do Domingo de Ramos na Basilica de Roma. D'aqui resulta que ainda hoje esse privilegio anda vinculado aos descendentes do arrojado marinheiro.

A. E. PIRONESCA.

O MENDIGO (1) Tolstói

Em uma das populosas cidades da França, vivia um mendigo de porta em porta supplicando uma esmola.

Como é natural, nem sempre encontrava correções em que estivessem gravadas aquellas eloquentes palavras do *Redemptor*: « — Quem dá ao pobre, empresta a Deus.

Suas roupas eram uns farrapos os quaes servião de motivos para ser sempre apedrejado e escarnecido.

Uma vez pedindo elle uma esmola a um rico, este talvez contrariado por uma pobre creatura vir perturbar os seus calculos, ou destruir os castellos que se creavam na sua imaginação; lançou mão d'uma pedra e arremecou-a sobre o pobre dizendo: « — Quem és tu, vil creatura para perturbares as minhas idéas?

O *Mendigo*, depois de ter recebido aquella affronta, ergueu a pedra e a guardou para lhe servir de lembrança d'este soffrimento.

Annos passaram-se sem que os ilous se encontrassem.

Um dia estando no seu penoso ministerio, ouviu uma gritaria e voltando-se viu que ella tinha por alvo seu antigo offensor. Lembrou-se de vingar-se do mesmo modo que recebeu a affronta.

Tirou convulsivamente a pedra de dentro da saccola, e quando preparava-se para atiral-a foi detido por mão invisivel e ouvindo no mesmo instante uma voz celestial que lhe disse: « — Se tu te vingasses do teu inimigo quando rico, era uma loucura e o fazeres agora que está neste estado é uma repugnante crueldade. »

ISMAEL DE SOUZA

S. Paulo, 21 de Maio de 1898.

(1) Traduzido por um intelligente menino de dez annos

N. R.

A MULHER SCANDINAVA

Nas sociedades do norte, meninas, a mulher exerceu sempre, mesmo nos tempos da mais obscura barbaria, uma influencia deveras importante e possuia como natural apanagio, uma primasia incontestavel. Veja-se, por exemplo o papel que ella desempenha na antiga sociedade finlandesa. A aucto-

ridade paterna chega a eclipsar-se, e desaparecer completamente; quem no lar domestico assume o primeiro lugar não é o pai, não é o varão; a mãe é que figura verdadeiramente como soberana e rainha no seio da familia.

Avoluma-se ali, portanto, a condição da mulher, é ella que domina tudo; é ella que representa o arbitrio, o agente supremo do bem: as grandes personalidades viris apenas servem lá para mais fazerem sobresahir o poder absoluto da acção feminina.

Verdade é que na sociedade finlandesa, diz um escriptor que temos presente, a força bruta não constitue o elemento triumphal; cede lugar ao verbo isto é, a força do espirito e o verbo tem por si o sufficiente influxo para resolver as mais graves, as mais arduas questões, para realisar em summa os mais transcendentos prodigios. De resto essa preponderancia da mulher, preponderancia instinctiva espontanea e não conquistada, influe naturalmente no caracter do sentimento a que a sociedade finlandesa irresistivelmente obedece, não conduz á manifestações de altivez nem de orgulho, não faz alarde de acções heroicas e retumbantes: fora dos fulgores devidos ao paroxismo sublime do verbo, pôde realmente afirmar-se que tudo alli se modula em notas graciosas, ternas e singelas." Na sociedade scandinava forçoso é confessar-o a condição da mulher offerecia-se-nos sob um aspecto algum tanto differente. Ali a antiga legislação consignava prescripções verdadeiramente terriveis contra o sexo fragil. Mas a mulher abria os olhos á luz da vida, logo a existencia se lhe convertia n'um espinhoso problema. O pai tinha despoticamente o direito de escolha entre crear e matar a filha recém-nascida, mais tarde, assistiu-lhe a faculdade de tratá-la como se fora reles mercadoria, sendo da casa paterna transportada para o lar conjugal, não fazia senão trocar um jugo mortalmente duro por outro jugo mais duro ainda. Apesar, porém, d'esta legislação draconiana, apesar d'esta severidade tremenda a mulher na antiga sociedade scandinava surge-nos gloriosa e radiante. Brincando no meio da sua escravidão, ou antes reagindo pacientemente

contra a força bruta conseguiu impor-se pelos perseverantes esforços de uma doçura insinuantissima; logrou conquistar o amor o respeito, e muitas vezes a cega obediencia do quantos a rodeiam.

D'estarte, n'uma sociedade codificada exclusivamente pelo homem n'uma sociedade cujas leis parecem gravadas no gladio a condição da mulher acaba por se transfigurar despontando-nos finalmente cheia de brilho e de grandeza.

D. A. PITTORESCA

Não esperemos que se possa passar sem religião e sem associações religiosas.

Cada progresso das sociedades modernas ha de tornar mais imperiosa aquella necessidade.

RENAN.

UMA VIDA MODELO

A intriga triumphou, porque elles dando credito ás calumnias a reprehenderam com severidade. Apesar da pungente injustiça de que era victima Maria de Nazareth, não procurou desculpar-se, antes pelo contrario, prometteu-lhes com toda a docilidade que d'alli por diante se esforçaria por corrigir-se dos seus defeitos.

Aquelle sublime exemplo de tão rara humildade, causou tal admiração ás suas proprias rivais, que as desarmou totalmente, e de adversarias que lhe eram tornaram-se-lhe amigas.

Acalmados os odios e restabelecida a paz entre as suas collegas, a virtuosa menina continuou a desvelar-se na sua dedicação para com todas. Com que transporte de alegria e reconhecimento não lhes fallava sobre a infinita bondade da divina Providencia, a quem referia sempre os beneficios que diariamente recebia!

Mais com o exemplo do que com palavras, procurava guiar-se pela vontade de Deus, seguindo fielmente todas as ordens e conselhos de suas mestras. A convicção em que estava de que as suas palavras eram inspiradas pela Divindade, dava-lhe uma alta idéa da missão d'aquelles que se achavam encarregados da educação da infancia. Por isso é bem facil de imaginar-se a affectuosa sollicitude e respeito com os quaes ella escutava-lhes as lições e os conselhos, e o inextinguível zelo com que cumpria todas as suas ordens e determinações, por mais difficéis e penosas que se lhe afigurassem. Nunca se alterava a doce serenidade do seu espirito e era tal a sua docilidade, que parecia que toda a sua vontade estava entre as mãos d'aquellas que a dirigiam. Quanto ás suas collegas é impossivel dár-se n'um rapido esboço a idea do carinho affectuoso que lhes consagrava. Nos extremos de sua dedicação encontrava sempre motivos para lhes ser util, ora era um bom lugar que lhes cedia, ora uma lição que lhes ensinava, uma tarefa de que lhes aliviava, um bom conselho que lhes dava, encontrando a todos os momentos nos thesouros de seu coração um manancial inexaurível de consolações com que mitigasse as dôres que se lhe mostrava.

Entretanto apesar das suas raras virtudes, e da perfeição quasi ideal a que dia a dia ia attingindo, a sua alma angelica, uma d'essas almas de eleição, não podia deixar de soffrer n'um mundo para que não fora creada, e soffria visto que o soffrimento é o crysol em que se depuram os escolhidos de Deus.

Nos seus dias, de amargas decepções, em que o coração se lhe diluía em lagrimas, ao vêr tantos males, que não podia prevenir, nem mesmo remediar; trabalhava com maior assiduidade, e orava com maior fervor, sentindo que o zelo empregado no cumprimento do dever, e a attenção fervente das suas preces lhe dulcificavam as dôres e a aproximavam mais de Deus.

(Continúa)

ANALIA FRANCO.

AS CREENÇAS

Quem não gosta das creanças
Quem não ama a claridade
Que irradia das esp'ranças,
D'aquella risonha idade!

Quem não vê quando esvoaça
Nos seus labios o sorriso
A candura o mimo a graça
Dos anjos do paraíso?

N'essas fontes infantinas,
Vê-se uma alma a despontar;
D'aquellas mãos pequeninas
Cae a ventura n'um lar!

Juncto do berço onde canta
A mãe seus hymnos d'amor,
Para velando a aza santa
D'um anjo consolador.

As creanças são aurora
Cuja luz afaga e aquece
Tem na risada que chora
Um sorrir que nunca esquece!

Quando ellas passam, folgando
Nas extensas pradarias,
— Turba feliz doido bando
De matinaes cotovias,

Sente-se o doce perfume
Que exhala a sua innocencia
Essa flôr que em si resume
A mais fina e grata essencia

Borboletas graciosas
Do vasto jardim da vida;
Irmãs dos lyrios e rosas
D'eterna senda florida

Mysterios cujo segredo
Nos seduz d'istante a instante;
Que sois o valor e o medo,
Das mães no olhar vigilante.

Creanças — livros formosos,
Quem vos lê, medita e chora!...
Vos sois os vultos radiosos
D'um sonho que se evapora!...

A's vezes desce a orphandade
Em mais d'um berço tranquillo....
Então a mãe-caridade,
Descerra as portas do asylo

E aquelles seres franzinos
Encontram pão, ninho, amparo
Dando os passos pequeninos
N'um caminho ameno e claro

Depois na pallida fronte
Rebrilha a força e a saúde,
Rasga-lhe o ensino o horizonte
Do trabalho e da virtude,

Renasce a côr e a frescura
N'aquellas faces de cêra
E ao ser — a que a desventura
O lucto e a fome envolveu

Ridentes como a alvorada
Cheia dos raios do sol
D'entre as balsuras saudada
Pela voz do rouxinol

Dizemos: — salve creanças!
E a vossa alma commovida
Sorri ás ledas espr'anças
Do que ha mais bellô na vida!

AMELIA JANNY.

UM JUIZ ÀS DIREITAS

Um ricoço muito avarento perdeu um sequitel com boa somma de dinheiro em ouro. Deitou logo annuncios nas folhas promettendo cem *tallers* de alviçaras a quem lh'o restituísse.

Um camponez que tinha encontrado o sacco, foi contentissimo entregal-o ao nosso homem.

Elle contou e tornou a contar o dinheiro, e depois de certificar-se que nada faltava, disse com a maior seriedade para o camponio: «Deviam estar aqui dentro oitocentos *tallers*; não encontro senão setecentos, vejo que vocemecê teve o cuidado de tirar por suas mãos os cem que eu tinha promettido: estamos pagos.»

O camponio cahiu das nuvens, porque não tinha tocado no dinheiro, e semelhante recompensa de modo nenhum o podia satisfazer. Vamos ao juiz, exclamou elle muito azedado com a historia; não senhor isto não fica assim; vamos ao sr. juiz, e o que elle disser é o que se faz. Foram. O juiz ouviu um e outro com a maior attenção; pensou um pouco sobre o caso, e por fim sahiu com esta sentença.

« Vocemecê, disse elle, voltando-se para o ricoço, perdeu um sacco com oitocentos *tallers*; e vocemecê, continuou o magistrado dirigindo-se ao camponio, achou um sacco com setecentos *tallers*. Muito bem. Está provado que o sacco que vocemecê achou, não é o mesmo que este senhor perdeu; e portanto tome você outra vez conta d'elle, e guarde-o, até que appareça alguem a reclamar-o. Quanto ao meu amigo, concluiu o juiz voltando-se novamente para o avarento, com um risinho de escarneo, não tem outro remedio, senão ficar esperando com paciencia que lhe appareçam os seus oitocentos *tallers*.

A HERANÇA DE NOSSO PAE

Foi o sultão á mesquita fazer a sua oração. Aproximase d'elle um pobre muito esfarrapado e diz-lhe:

« Poderoso senhor, acreditas no que diz o santo propheta? »

O sultão, cuja piedade era notoria respondeu! « Se creio! Sem duvida nenhuma; creio firmemente em tudo quanto diz o santo propheta. » O pobre retorquiu: O propheta diz no Alcorão: — Todos os homens são irmãos. — Senhor meu irmão, tendo a bondade de repartir comigo da herança. » O sultão sorriu-se, pensando consigo: eis um modo origina-

líssimo de pedir esmola. E deu ao pobre uma piastra. O mendigo olhou e tornou a olhar para a moeda; voltou-se nos dedos mais uma vez, e por fim levantando a cabeça, disse para o sultão. « Senhor meu irmão, tu das-me apenas uma piastra e possuis mais ouro e prata do que poderiam carregar cem camellos.

Chamarás tu a isto repartir irmãmente?

O sultão poz o dedo na bocca, como para indicar-lhe silencio, e accrescentou:

« Cale-te, meu querido irmão, contente-té com isso e cala-te, muito calado; não digas a ninguém o que te dei, porque bem sabes quanto a nossa familia é numerosa, e se cada um, começasse a exigir o que lhe pertence, ainda tu terias a repór. »

O querido irmão convenceu-se, e decidiu-se a ir immediatamente esbanjar a herança, antes que lhe pedissem do retorno.

DE JEANNE THILDE

N'um bello cofre encerrei
pobre flor estiolada
e sobre o fecho gravei
uma data memorada

Myosotis era a flor
tanto a beijei tanto e tanto
que a triste perdeu a cor
minh'alma desfez-se em pranto!

Quando a morte me prostrar
abri o cofre e, por Deus
vinde essa flor collocar
nos gelidos labios meus!

E ao sepultar-me em redor
de minha campa, no chão,
plantar a modesta flor
que diz: Não me esqueças não!

JULIA GUSMÃO.

A FILHA ADOPTIVA

Anezia amava-o realmente com todas as veras de sua alma e quasi tanto como a seu pae, nas orações diarias que fervorosamente dirigia a Deus; envolvia o seu nome com os dos caros auctores dos seus dias, pedindo pela vida do virtuoso ancião.

Estavam porém contados os dias de Gustavo, por isso que alguns mezes depois realisou-se o seu vaticinio fallendo antes da primavera seguinte.

E' impossivel descrever-se a dor de Anezia, a qual com seus paes acompanhara o pobre velho na sua enfermidade que não foi longa até a sua ultima hora. A sua morte fora tranquilla e suave assim como tinha sido a sua virtuosa existencia.

Succederão-se muitos mezes e só o tempo e a religião a puderão consolar. A suavissima crença em que fora educada, infiltrara-lhe n'alma essa doce resignação que é o apannagio d'aquelles que seguem os seus divinos preceitos. João Gualberto viera com sua familia residir na chacara de Gustavo a qual segundo a promessa do bom velho pertencia agora a Anezia. A vida feliz e tranquilla que gosava Anezia na companhia de seus virtuosos paes a desenvolvia admiravelmente tornando-a de dia em dia mais formosa.

Levantava-se sempre cedo, fazia as suas orações e ia dar um pequeno passeio nas longas avenidas, cujas arvores em flores exhalavam um perfume agradável e inebriante.

Ao ver aquellas arvores, aquellas flores lembrava-se com os olhos humidos de pranto da predicação do bom ancião e como para agradecer a Deus e ao padrinho a quem na convicção de sua fé julgava estar no céu; orava agradecendo-lhes os beneficios que d'elles recebera do dominio d'aquelle aprasivel sitio que tinha para ella tantos encantos.

— Vés Roque? Alli está o banco de pedra que meu padrinho sentava-se todas as tardes para ler no seu grande livro de orações; dizia ella ao preto velho que trabalhava a um canto do pomar. Mais alem a bella fazenda do senhor Jorge d'Oliveira, de quem tantas vezes elle me fallava com elogios, e lá ao longe a sua sepultura quasi meia occulta por

entre as flores que eu plantei... A estas ultimas palavras Anezia curvava a cabeça e deixava correr livremente as lagrimas que lhe ressaltavam dos olhos.

Roque com o corpo meio inclinado sobre o cabo do seu instrumento de trabalho, olhava enternecido alternativamente para a sua joven senhora, e o modesto cemiterio da villa do Paraizo.

Situado no alto d'uma collina o terreno em declive deixava ver quasi todas as suas sepulturas apenas assignaladas por uma tosea cruz de pau, sobresahindo entre todas por estar mais bem cuidada aquella em que dormia o seu eterno somno, o bom Gustavo.

Anezia e sua mãe cuidavam dos arranjos da casa, emquanto seu pae e tres escravos que possuíam tratavam do cultivo das terras as quaes abençoadas por Deus não só lhes produzia o necessario para a subsistencia, como ainda bastante com que repartir aos vizinhos menos favorecidos da sorte.

Anezia apesar dos pesados encargos dos affazeres domesticos, guiada por sua mãe, sabia dividir tão bem as horas do dia, que ainda lhe sobrava tempo sufficiente para cultivar o seu espirito, com leituras moraes e instructivas.

O cuidado e bom senso que presidiam á escolha d'esses livros proporcionados por seu pae, e o prazer que sua mãe manifestava em ouvir a sua leitura, tiveram uma influencia decisiva sobre a formação do caracter de Anezia e o seu bom gosto litterario.

Cultivava tambem com as suas proprias mãos um pequeno jardim com cujas flores adornava o oratorio de sua mãe, e aos domingos a sepultura do seu padrinho.

Quem penetrasse naquella singela vivenda, onde se via o maior accio e conforto unidos á affabilidade dos seus donos, sentia o coração dilatar-se tranquillo como se respirasse a suavidade encantadora d'un remanso de paz.

Das janellas se avistava um ribeiro que descendo do cimo da collina proxima, espalhava-se espumante no meio da campina em fios de prata. Os gansos e os patos como que saboreando a agradável frescura das suas agnias crystallinas banhavam as suas alvissimas pennas com fulgura-

ções prateadas aos raios ardentes do sol; mais alem pastavam as cabras sobre o outeiro visinho a cuja sopé via-se o tronco adusto d'un enorme sabugueiro em flores, as quaes balauçadas suavemente pela briza caíam por sobre o rio espargindo ao mesmo tempo, agradaveis perfumes.

Percorrendo estes bellos e aprasiveis lugares, nas formosas tardes de estio, Anezia sentia-se feliz e incessantemente agradecia aos céus toda felicidade em que sua alma se expandia.

Aos domingos e dias santos, João seguido de sua familia, dirigia-se para a villa do Paraizo, a ouvir a missa conventual. Essa boa gente não se esquecia daquelles a quem a sua piedade soccorria, e era nesses dias que mais se exercitava na sua caridade repartindo com os necessitados o superfluo, do producto dos seus trabalhos quotidianos; nem a pobre sepultura de Gustavo ficava esquecida; porque tinham o cuidado de renovar as suas flores, tarefa essa da exclusiva competencia de Anezia, que nisso experimentava um grato consolo ás suas inextinguiveis saudades.

Foi n'um d'esses dias em que depois da missa, visitavam, como era de costume os seus amigos, os pobres, que Eudoxia e sua filha encontraram uma pobre mulher ainda moça, quasi abandonada de todos, em razão de molestia que soffria, com uma creança de anno e meio pouco mais ou menos.

A infeliz magra cadaverica, embalde procurava aconchegar ao peito a creança que nos seus braços descarnados, agitava-se chorando de fome. Eudoxia e Anezia extremamente commovidas, sentaram-se junto ao seu leito e começaram a cuidar da pobre mãe e da creança dando-lhes tudo quanto tinham trazido.

Anezia tomou a creança nos braços, embalando-a suavemente conseguiu acalenta-la. Apoz os primeiros instantes de surpresa, começou a sorrir-se para ella como se de ha muito já a conhecesse.

A pobre mulher contou-lhes em poucas palavras que sendo abandonada por seu marido, viera havia quinze dias se estabelecer n'aquella villa na esperança de obter alguns ser-

viços de costuras para a manutenção de sua vida e de sua querida Cherubina, mas que tendo sido atacada da molestia que ha tempos soffria, com uma intensidade muito maior do que até então, devida a desgostos e falta de alimentação sufficiente, sentia ter chegada a sua ultima hora.

Ja não tinha agora medo de morrer, concluiu ella, porque a sua Cherubina não ficaria no abandono.

Esta curta narração que a infeliz moribunda fez entrecortada, pelos accessos continuos de tosse produsida pela phthysica que a minava já no seu ultimo periodo, commoveu profundamente o sensível coração de Eudoxia, a qual prometteu-lhe que ella e sua filha cuidariam da criança com todos os desvelos, e que a olhariam como um precioso thesouro que a Providencia divina lhes confiava ás suas mãos.

(Continúa)

A. FRANCO.

NOTAS UTEIS

União franceza da mocidade é uma associação, fundada em França que tem por fim fazer interessar a mocidade na obra da educação popular. Conta já 13 escolas em Paris e algumas nas provincias, e, pela forte organização de uma escola de tiro e exercicios militares, corresponde a uma das mais vivas preocupações da educação moderna.

•••

Entre os funcionarios Judiciaes nota-se Abilio Adriano de Sá, que creou uma escola na cadeia da cidade onde residia, «VISITAR OS ENCARCERADOS» é um dos preceitos da mais pura moral christã. Estreie-se e progrida-se o principio da iniciativa particular das visitas de senhoras caritativas, se assim o entenderem melhor, nas cadeias do sexo feminino. Nunca hão de morrer os nomes de mistress Fry e de Haward, almas elevadas e puras, que abriram estes caminhos do bem e guiam no mesmo feito outros espiritos benemeritos.

•••

A *associação Recreio Litterario*, instituida em Figueiras pelas classes operarias para instrucção de si proprias foi fundada por seis caixeiros do commercio; agremiaram-se applicando as suas economias para compra de livros que os podessem recrear e instruir.

Este facto, alcunhado por ventura de insignificante, era uma gloria que nobilitava esses populares modestos, e um grande exemplo, para outras localidades do paiz. Desesseis annos decorridos aquellas santas economias representavam 1400 volumes. Aos seis rapazes foram se juntando outros, e, o que não menos formoso é, que honrando-se igualmente assim, aos caixeiros reuniram-se alguns patrões, organizando-se a associação commercial.

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO
POR SEMESTRE

PREÇO DA ASSIGNATURA, \$5000 POR SEMESTRE

NUM. AVULSO
Rs. 15000

AS MINHAS PATRICIAS

Quando impressionada ao ver tantas infelizes creanças abandonadas á ignorancia e vagabundagem, sem educação moral e religiosa, sem instrucção obrigatoria e professional, emprehendi a fundação d'esta modesta revista ALBUM DAS MENINAS, que traduz apenas uma convicção e uma fé, visto reflectir mal formulado embora, um sonho de justiça e de verdade, tinha a certeza de que o meu empenho não seria de todo inutil. E não foi. Porque se ha muitos que nada tem de commun com o resto da humanidade, e nem se commovem á vista d'esse triste bando de creanças, que mais tarde hão de povoar o fundo tétrico dos carcerees, ou serem arroladas nas matriculas policiaes da prostituição, outros ha, e ainda bem que os ha para honra da especie humana, que se interessam pelo bem dos seus semelhantes e procuram suavisar-lhes a algidez da sorte. E' por conseguinte a esses a quem me dirijo e chamo em meu auxilio. Sim, urge que nos esforcemos em por em pratica o salutar principio de associação, que seja de meio de nós, ó paes que amais aos vossos filhos,